

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Carlos de Magalhães Burguete.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE FEVEREIRO DE 1911

N.º 290

Assumptos militares

O regresso a Lisboa dos recrutas que foram a Mafra
receber instrucção



(Phot. de J. Benoitel).

A officialidade assistindo ao desfile dos recrutas

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Carta aberta sobre os acontecimentos

Ex.^{ma} Sr.^a

D. Dorothea Meyrelles

Quinta de Candosa

ALTO DOURO

Minha Ex.^{ma} Amiga e Senhora do meu maior respeito:

Dobrando a sua amavel carta, depois de a ter relido, perguntava eu ha pouco aos meus botões que judiaria lhe teriam feito as suas creadas ou que bernardice ou inconveniencia teria dito o padre Simões para a deixarem tão mal disposta no momento de me escrever a sua costumada epistola. Porque é manifesto o seu mau humor, D. Dorothea: só um nescio o não comprehenderia nas entrelinhas da sua nem por isso menos apreciada carta. Como se eu tivesse culpa...

Ora diga-me: que quer a D. Dorothea que eu faça, quando a minha boa amiga me exige noticias do que por cá vae, instantemente, e eu, para lhe obedecer, como o ultimo dos seus creados, tenho de lhe contar coisas desagradaveis ao seu espirito e ao seu bonissimo coração, pela mais simples das razões: porque nada de bom ha para contar, antes tudo e todos parecem apostados em fazer e dizer coisas desagradaveis? Ora, pois! Não fui eu quem poz fora das fronteiras e para além da barra as *Irmãsinhas dos pobres*, caso que tanto a alligiu, como eu previ quando lh'o narrava. Nem directa nem indirectamente eu tenho responsabilidade n'este e n'outros casos, para dizer melhor — em nenhum.

«Diga-me alguma coisa agradavel, creatura de Deus!» exclama V. Ex.^a logo de rompante no principio da sua carta. «Não queira torturar ainda mais a sua pobre amiga. Bem basta o que basta. Noticias desagradaveis, não m'as dê. Prefiro o seu silencio.»

Ficamos entendidos. Ficamos então combinados, como diz a Rosario quando eu concordo com os seus pouco laboriosos planos de jantar. Mas olhe que vae passar muito tempo sem noticias minhas. Isto não leva geito de lhe ser agradavel. Manda, porém, quem pôde.

ASSUMPTOS MILITARES. — O regresso a Lisboa dos recrutas que foram a Mafra receber instrução



Os recrutas em marcha

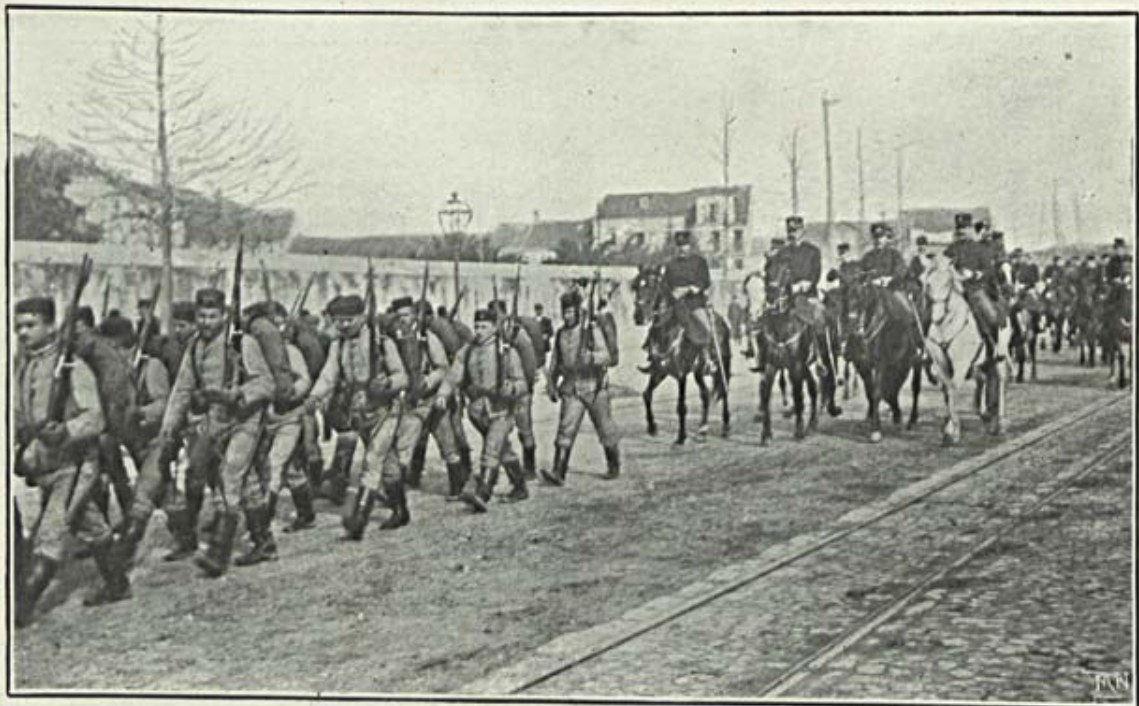
Fiat voluntas tua! como diz o padre Simões quando faz asneiras ao voltarete e as quer atirar para as costas largas do parceiro.

Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que por este correio satisfaço o seu desejo de ha muito, enviando-lhe um bello livro portuguez. Vae ter boa, excellente leitura. Antecipadamente a felicito porque avalio bem o prazer espirital que vae experimentar na leitura das admiraveis paginas do soberbo livro que lhe envio.

O auctor não é desconhecido da minha muito querida amiga: é Anthero de Figueiredo, o escriptor d'aquelle outro magnifico volume *Comicos*, que fez a delicia dos seus serões no inverno de ha dois annos, e de um outro, *Impressões de viagem*, de que por mais de uma vez me tem falado.

Intitula-se este *Doida de amor*. E', em tudo, e por tudo, uma obra genuinamente portugueza, portuguezissima de lei. N'ella encontrarã a nossa gente, o nosso ambiente, a nossa paisagem, as nossas paixões e — graças ao Senhor! o nosso idioma. Sim, D. Dorothea, a *Doida de amor* é um livro escripto em portuguez. Maior elogio lhe poderá fazer quem indevidamente o julgue. Por mim, fico-me n'estas copas.

Avalia, pois, o alvoroço com que li este livro. Demoradamente, muito demoradamente para a minha natural anciedade, porque os

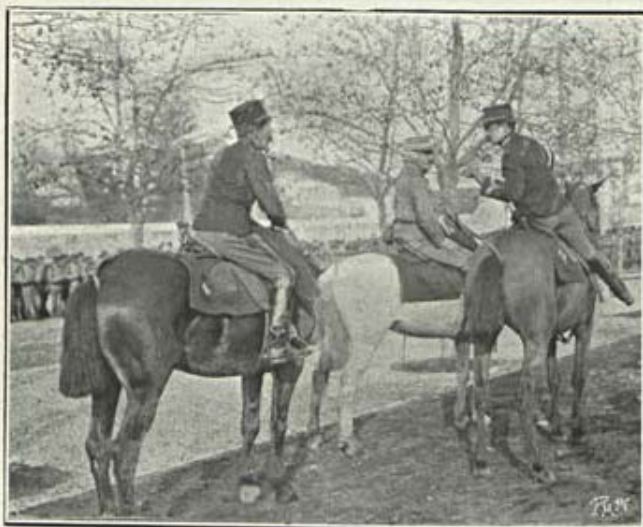


ASSUMPTOS MILITARES. — O regresso a Lisboa dos recrutas que foram a Mafra receber instrução

(Phot. de J. Benollet).

Os recrutas passando em Entre-Campos

meus desgraçados olhos já me não permitem uma leitura aturada, mas, apesar de tudo, li-o com olhos de vêr e com olhos de vêr o reli. E com paixão, com entusiasmo, como quem cumpre um grande dever de probidade, recommendo-lh'o, a si e a todas as mulheres por-



ASSUMPTOS MILITARES. — O regresso a Lisboa dos recrutas que foram a Mafra receber instrução

O commandante do contingente assistindo no Campo Pequeno ao desfile das suas tropas

tuguezas. E' um volume que deve figurar, e distinctamente, na estante de toda a mulher culta, como um alto trabalho artistico, e que será sempre bem amado pelas outras a cujo coração fala com o enternecimento, a paixão, o sentimento com que só lhes fala um outro livro congenero — *Cartas da Religiosa portugueza Marianna de Alcoforado*.

Em mim proprio, que impressão elle causou! Como elle encheu, até trahbordar, de enternecida commoção, esta pobre alma tão embotada pela desdita! Abençoado livro! Abençoado seja o espirito que o concebeu, a mão que o traçou!

E que arte, minha amiga, que soberana arte! Como este homem deixa de pé, inconsuteis, de um bloco só, as figuras modelares d'esse livro, construidas, com excepção de uma, por simples referencias de cartas! Com que sabia sobriedade elle vae dando, de pagina para pagina, na precisa dosagem, o sentimento febril de uma creatura estranha, d'essa figura pouco egualavel de mulher, perdida de amor, até o impeto maximo, á maxima catastrophe, dando-nos quasi a impressão de que por ella fomos attingidos, tambem...

Um psicologo? dirá a D. Dorothea n'esta altura. E eu não lhe direi que não, mas tambem não lhe direi que sim. Contos largos, que não são para agora. Um artista, sim. Um grande artista é que elle é, esse Anthero de Figueiredo. E que soberbo artista, minha senhora!

Não quero dizer-lhe mais nada sobre o assumpto. A minha querida amiga lerá e depois dirá de sua justiça. Leia, leia — releia. Releia porque lhe será preciso reler para satisfação do seu espirito e para esquecer prosas de outros que escrevem quasi tão mal como eu.

Ha uns dias houve alegria grande nas ruas. Chegaram até aqui ruidos de vivório, palmas, musica. Julguei que fosse excursão provinciana em romaria de felicitação ao governo provisorio, coisa que tem estado muito em moda. Mas, não, senhora. Eram recrutas de infantaria que regressavam do tirocinio na escola pratica de infantaria, em Mafra. Ao todo, mil e quatrocentos homens, entre galuchada e officiaes inferiores. Li depois nas gazetas que os manebos vieram admiravelmente instruidos e muito interessados pela causa publica. Segundo referem as gazetas, em todas as estações do percurso deram vivas á republica, ao governo provisorio e á patria. Aqui em Lisboa, tambem. Por fim lá foram para os quartéis. Deus os faça bons portuguezes e bons soldados, leaes ás instituições que juraram servir. A lealdade é o primeiro dos deveres militares. Isto é um pensamento de paisano mas tem cabimento aqui.

Eduardo Schwalbach já não é inspector do Conservatorio de Lisboa. Demittiu-se. Dil-o o *Diario do*

Governo, mas era escusado dizel-o. Schwalbach não é homem que se deixe demittir: demitte-se. Foi o que fez e fez muito bem.

Não lhe direi nada acerca do que elle fez n'aquella casa e pela instituição que lhe foi confiada. Para que? Dir-lhe-hei apenas que vae ser nomeado para substituir Schwalbach o sr. Vianna da Motta, que segundo os entendidos toca piano que até os anjos o podem ouvir, prenda que o Schwalbach não tem, valha a verdade, e consta que tambem irá reger uma cadeira do curso da Arte Dramatica a illustre actriz Lucinda Simões. Esta, segundo leio na *Capital*, tem muitas coisas a ensinar ás suas discipulas, entre as quaes, tratar convenientemente das unhas, para arranharem convenientemente, pelo visto.

Ora com a sahida do Schwalbach operou-se um movimento desusado no Conservatorio. Acordou tudo. O sr. Julio Dantas, professor de não sei que, n'aquella casa, foi encontrado no Chiado, açodado, n'uma lufa-lufa, pelo redactor de um jornal da noite. Interrogado sobre a sua afanosa lida, disse que andava a arranjar fatinhos para os seus meninos — discipulos — representarem convenientemente e sobre um tapete, a fala do Vaqueiro, de Gil Vicente, trasladada a portuguez pelo sr. Lopes Vieira. Era um concursosinho para o qual, elle, Dantas, dava um premiosinho. Tratava-se de um estimulosinho, com o intuito de levantar a artesinha, cujos interesses andavam muito descurados — ai!

O concurso realisou-se ha dias. Tres discipulos disseram como lhes aprouve o monologo. Na presidencia o sr. Lopes Vieira com procuração de Gil Vicente. Applausos, felicitações e distribuição de premios. Numero um, o alumno Henriques que foi premiado com um estojo de escriptorio, offerta do sr. Dantas, que esteve commovidissimo e duas doses de volumes de versos do sr. Lopes Vieira a cada bico.

No dia 7 entrou no nosso porto um grande paquete, o maior conhecido, norte-americano, *Cleveland*, conduzindo grande numero de excursionistas que percorreram a cidade visitando os pontos mais notaveis.

O *Cleveland*, é, sem exagero de comparação, uma cidade fluctuante. Tem accommodações para cinco mil passageiros alem dos quatrocentos homens de equipagem. Em luxo e conforto excede tudo o que cá tem apparecido.

No dia immediato levantou ferro e lá foi até Cadiz, conduzindo os seus felizes passageiros, cuja situação, com franqueza, é n'este momento bem invejavel.

CAMARA LIMA.

A civilisação não deve consistir em conhecer as leis da natureza e violar as leis da justiça.

ETIENNE LAMY.

Uma cidade fluctuante



O paquete *Cleveland* que ultimamente esteve no Tejo

O janota

(ALMEIDA GARRETT)

De todos os tempos nunca o janota foi bem aceite em Portugal. Em qualquer classe que appareça é certo que se torna sempre o alvo das ironias de todos. Nem a profissão, por mais inoffensiva, o salva. Ao proprio homem do mundo, sem pretensões a ser outra cousa, não se lhe perdôa, se as suas sobrecasacas são irreprehensíveis de corte; se o *veston* cahe direito sem uma prega; se a gravata é bem mordida, n'um laço perfeito, por uma simples perola; se o chapéo alto é lustroso como o setim, ou o côco de uma côr

Uma cidade fluctuante



O commandante do Cleveland e algumas das senhoras excursionistas

menos vulgar e de uma fôrma ainda desconhecida nas ruas da baixa! Os plumitivos, então são ferozes para os seus camaradas de letras, para quem o vestuário não é uma cousa inteiramente indifferente.

Garrett, tendo sido o primeiro janota do seu tempo, pôde bem calcular-se a espessa couraça de desdem de que teve de se armar para resistir á chuva de ironias com que, a desproposito das suas *toilettes*, lhe pretendiam diminuir o valor litterario.

Entretanto todo o mundo o sabe, porque os seus intimos não se cançavam de o referir, que nunca, em cada manhã, Garrett deixou de previamente combinar, sábia e artisticamente, a composição do seu vestuário como um pintor que pacientemente prepara a sua paleta.

Assim, elle mandava primeiro collocar a sobrecasaca sobre as costas de uma cadeira, depois passava em revista os colletes variegados, dispunha o que escolhia sobre as bandas da sobrecasaca, já eleita, estudando-lhe o effeito.

Em seguida, cabia a vez ás calças que, n'esse tempo, iam desde a captiva côr da clara flôr de alecrim até aos mais inverosimeis tons dos roxos sombrios.

Escolhidas, tomavam tambem logar no improvisado manequim com o côs já discretamente escondido por debaixo do collete preferido. Por ultimo era a vez das gravatas, e como essas se amontoavam ás duzias na vasta gaveta, a escolha era ainda mais demorada.

Só depois de mirar e remirar o effeito geral é que o Príncipe das letras e da elegancia definitivamente se resolvia a... vestir-se.

Compreende-se que um homem para quem o simples vestuário se tornava assim uma arte, tão complexa e complicada, merecendo-lhe os maiores cuidados do seu apurado bom gosto, fosse tambem na escripta do mais singelo periodo, de uma exigencia tão absoluta como impecavel. E se algumas das suas brilhantes paginas parecem, á primeira vista, um pouco descosidas e destoando d'essa perfeição, fidas com cuidado facilmente se lhes descobre a limpida harmonia geral.

Indifferente ás criticas que lhe faziam, e que o accusavam de pejar a nossa lingua de inuteis francesismos, elle, que tão artistica-

mente a renovava e refundia, era igualmente indifferente aos que o apodavam de velho e ridiculo casquilho, sendo elle proprio, com inegalavel bom humor, o primeiro a divulgar e a fazer espirito com as suas fraquezas mais intimas.

Assim contava que, cançado de aturar creados de Lisboa, resolvera pedir a um amigo da provincia para de lá lhe mandar um honesto aldeão, que elle desbravaria e que pelas suas qualidades, lhe fizesse esperar que por largo tempo se conservaria ao seu serviço. Veio o rapaz, Garrett, paternalmente, explicou-lhe que nos primeiros dias não tinha senão que reparar na sua *toilette*.

— O teu serviço resumir-se-ha em muito pouco. Vestir-me e despir-me. O resto do tempo, depois de cuidares do meu quarto, perence-te. E's livre, Farás o que entenderes.

Quando n'essa primeira noite Garrett chegou a casa, o creado correu a acender luz no quarto e, conforme as instrucções recebidas, postou-se immovel a um canto, Garrett principiou a despir-se, recommendando-lhe que reparasse na ordem com que procedia. Paletot, casaca e collete pendurou-os, com cuidado, em cabides differentes. Antes de desfazer o nó da gravata pegou da cabelleira, collocou-a sobre a chaminé de um candieiro apagado que descansava em cima da bojudá commoda. N'esse instante não lhe escapou um ligeiro movimento de assombro do creado.

Depois, e com um pequeno esforço da mão esquerda, tirou a dentadura que depoz sobre o lavatorio. O creado estremeceu. Garrett, impassivel, como quem não tinha reparado, sentou-se e já descalço, principiou a tirar a custo as calças. Em seguida, e olhando pelo canto do olho para o pobre rapaz que já tremia, desatou lentamente as postigas barrigas das pernas que, n'uma curva graciosa, mais esticavam as calças estreitas. Amorosamente estendeu as fôfas almofadinhas sobre um pequeno banco ao lado da cadeira. O creado empallideceu, tornando-se livido. Garrett, muito serenamente, levantou-se da cadeira e voltando-se para o rapaz, disse-lhe, fazendo com a mão direi a um rapido e expressivo movimento rotativo:

— Agora, Francisco, desatarracha-me a cabeça e põe-m'a com cuidado em cima d'aquella mesa!

O pobre pacovio, apavorado e aos gritos, desatou a correr pela casa fóra, batendo em baixo com estrepito a porta da rua, por onde fugiu. Nunca mais voltou a apparecer.

Garrett só lhe pareceu comprida aquella noite pelo muito que



(Phot. de J. Benoitel).

Excursionistas embarcando

lhe tardou referir a comica aventura, em que era o protagonista, aos seus amigos.

Foi com esta superioridade pelas suas proprias fraquezas que Garrett, poude, sem ridiculo, atravessar a vida conservando no seu aspecto exterior a apparencia da mocidade que sentia, cheia de viço e frescura, no seu sempre apaixonado coração.

CONDE D'ARNOU.

PENSAMENTOS

Com mulheres, não ha homem franco que não tivesse sido mentiroso, homem sabio que não fosse louco, e homem esperto que não fosse logrado.

63

O amor é um manjar digno dos deuses quando não é cozinhado pelo diabo.

Calderon.

Concurso de arte dramatica no Conservatorio

Recitação do monologo o *Vaqueiro*



Os srs. Augusto de Mello, drs. Julio Dantas e Lopes Vieira (Phot. de J. Benoliel). falando com os concorrentes

A lenda da boeirinha⁽¹⁾

Seguindo um lavrador que arava um campo da Judeia, andava um bando de boeirinhas procurando o sustento nos regos sulcados de fresco.

E mais longe, á beira de um caminho, afastada e triste, pousava outra boeirinha n'um galho secco de figueira brava. Deixara-a assim, alheada e ferida, a falta do par, agonizante n'aquella noite em que todas as aves e anjos, attrahidos na retea de uma estrella enorme, tinham ido a Bethlem cantar o nascimento do Filho do Creador.

De todos os passarinhos do Oriente, só ella, a maguada viuvinha, não fôra cantar na festa de Bethlem.

Assim lh'o garantiram as irmãs ao contarem-lhe, na volta, os esplendores do presepio.

E a pensar nesta falta e nos vôos curtos da sua viuvez, estava para ali agora empoleirada n'um ramo secco, quando, a distancia, na curva de um monte, viu apontar, avançando para si, um pobre velho appressado e afflicto.

Atraz d'elle, guiando-a pela redea, trazia uma jumentinha, montada por uma linda nazarena, mãe de um filhito cujo vulto ella escondia e quasi dissimulava n'uma dobra larga do manto.

«Grande pena dera áquella familia, para assim correr afflicta por baixo de tal calor!...» pensou a avesita.

Ao passarem junto da figueira, a boeirinha viu o rosto da creança e soltou um pio admirativo.

«A serem exactos os traços que lhe haviam dado as aves de Bethlem, ja ali o Filho do Creador!»

Mas ainda mal a pobre familia encobrija na folhagem de um olival, e já o passarinho avistara ao longe, perseguindo-a, um troço de soldados herodianos, reluzentes de armaduras, apostados n'uma feroz correria em que se adivinhava o lucro.

«Mil drachmas! — ululava o chefe, correndo na frente — mil drachmas ao que matar a creança!»

Vinhã já de Jerusalem, cansados e consumidos de furia. Corriam de boccas abertas, negras de pó e da cobiça e os olhos cegos, fisciando de raiva e de calor.

Chegados ao sitio da figueira, que era o ponto onde se encontrava o seu caminho com a estrada dos fugitivos, um d'elles, enquanto o chefe ordenava uma curta paragem, para tomar orientação, perguntou ironicamente á boeirinha:

— Viste aqui passar o carpinteiro de Nazareth?

O passarinho que não esperava a pergunta, esforçando-se por immobilisar as pennas tremulas do peito, não fossem ellas atraíçoar-lhe o desasocego do coração, respondeu n'um difficil accentto de serenidade:

— Não vi... não vi... não vi...

Todos os quadrilheiros, aguilhoados de espanto, ergueram os olhos para a figueira.

— Não viste?! — insistiu o commandante.

— Juro que não vi... juro que não vi...

— Mentis! Passou aqui... Aqui vae o rasto...

E desembainhando a adaga mettu os soldados pelo caminho do olival.

A boeirinha conheceu o perigo, e abrindo as azas acima da vegetação, tirou a deanteira ao bando dos perseguidores. Levantando o vôo, para descortinar o avanço que levava a familia nazarena, descobriu-a já longe, atravessando, rapida, uma clareira e proxima a um bosque cuja entrada abria por dois caminhos.

Apenas S. José tomou arquejante pela esquerda, a boeirinha desceu na bifurcação das duas estradas, e com uma velocidade maravilhosa, batendo as azas e remexendo a areia, começou a apagar os rastos do velho e da jumenta, deixando a terra como se nenhum pé tivesse ali pousado.

Agora, atraz dos fugitivos, seguindo-lhes a viagem, desfazendo-lhes os rastos, esvoaçava rente a boeirinha, envolta na poeira em brasa.

Quando aos herodianos se lhes acabou o trilho dos rastos na bifurcação dos caminhos, desviaram-se d'estes, internando-se na floresta, presumindo que os fugitivos tinham por lá seguido, com o fim de evitar as pisadas na herva curta, tapetada de folhas.

Só ao pôr do sol, no momento de ajudar a descer Maria, para repousarem na relva de uma fonte, S. José deu pela boeirinha apagando o ultimo vestigio.

Mas não sobrou tempo para beber uns goles de agua.

Do lado do bosque sentiu-se, de repente, o entrecocar proximo de alabardas e espadas. Maria, afogando a garganta com os braços do filhinho, estrangulou um grito de horror!

«O meu filho!... O meu filho!... gemeu surdamente, apertando-o com violencia, como se quizesse sumi-lo na sua carne.

— Depressa, Maria! Depressa!... murmurou livido S. José, abeirando-lhe a jumentinha para subir.

E recommçaram a fuga, sabindo do caminho para um terreno releso de matta espessa. Mais uns minutos de repouso e o sangue de Jesus teria avermelhado a agua da fonte.

Momentos depois, os herodianos enchiam n'ella os capacetes de bronze, mergulhando-lhes dentro as boccas inflammadas de tigres sedentos.

Foi, porém, breve esta tregua, porque a noite descia, e os fugitivos, aproveitando-a, podiam escapar-lhes de vez.

«Por aqui!» — bradou-lhes o chefe, mostrando entre os dedos um pedaço de manto azul que a Mãe de Jesus esfarrapara, á fugida, no bico de um galho secco.

Todos o seguiram, cada hora mais incendiados, entranhando-se no arvoredor, curvando o dorso para carregarem mais velozes.

Por sua vez, a noite cahia vertiginosa, cerrando depressa, porque ao tocar a terra, se lhe misturaram as tintas das negras afflicções de Maria...

A quadrilha corria sempre, curvada e baixa, suspendendo-se, a intervallos, para distinguir um som que lhe indicasse uma pista.

Typos e costumes



(Phot. de Carlos Relvas). Mulher da Gollegã

(1) Esta ave é tambem conhecida pelos nomes de *lavadeira*, *alveloa* e *lavandisco*. Em ornithologia tem o nome de *Moscilla alba*.

NOTAS DE «SPORT» — Uma festa no picadeiro Miranda



No picadeiro Miranda

Da direita para a esquerda: 1.º plano — O professor Miranda e os seus discípulos Freitas, Araujo, Menezes, Correia, Pedro Silveira, Carlos Silveira, Mascarenhas e as meninas Maria Godinho, Magdalena Collares, Maria Antonia Placido, Maria Helena Guerra, Maria Beatriz Zanatti, Maria Emilia Collares Pereira, Fernanda Guerra Gonçalves, Maria Alice Placido, Manuela Silva e Maria de Lourdes

2.º plano — Abreu Zanatti, Nuno de Brion, J. Oliver, Barata e Alberto Sousa

Foi encantadora a festa hippica realisada no picadeiro Miranda no domingo ultimo.

Todos os numeros do bem elaborado programma foram applaudidissimos, demonstrando-se ao mesmo tempo o aproveitamento dos alumnos e a pericia do professor, sr. Joaquim Gonçalves de Miranda.

Destacaremos como uma das cousas mais interessantes a dança do «Vira» executada a cavallo por um gentilissimo grupo de amazonas. Houve tambem jogo da rosa, volteio, saltos, apresentação de cavallos educados em alta escola, terminando a elegante festa por uma contradança a cavallo na qual tomaram parte dez pares.

Durante uma hora, espiaram, correram e cansaram-se de balde. A noite era cada vez mais negra porque as dores de Maria iam crescendo . . .

Porém, de subito, lançaram um grito de triumpho! Tinham lobbri-gado, por entre a folhagem, a uma milha de distancia, uma luz tão suave e branca, que parecia a estrela da manhã a arder n'uma lampada de neve.

Curvando mais os dorsos, para evitarem os ramos, com as mãos



NOTAS DE «SPORT» — Uma festa no picadeiro Miranda

Os discípulos do volteio

De cima para baixo: — Correia, Pedro Silveira, Araujo, Carlos Silveira, Menezes, Freitas e Mascarenhas

(Phot. de A. C. Lima.)

nas adagas e os olhos phosphorejando, redobram de impetuosidade, espicaçando os seus corpos de hyenas com o cheiro proximo do premio de Herodes.

Mas a luz durou sómente uns segundos.

Viera de Maria, que, ao soerguer o manto, para envolver Jesus, deixara, momentaneamente, a descoberto um pé, cuja nudez accendera no escuro do bosque uma alvura nevada.

S. José apressara-se a cobrir com o manto o pé da esposa, mas não pudera evitar que os quadrilheiros dirigissem para elles a correria, cada minuto mais proxima, certa, fatal, aterradora.

Sentiam-lhes já os escudos de bronze bater contra as arvores, e o nome de Herodes ululado em palavras de morte.

A S. José vergava-lhe o bordão como um pé de trigo verde e as pernas difficilmente lhe davam passadas curtas, como se lhe tivessem posto aos hombros o maior tronco da floresta.

Lançou fóra o turbante e as sandalias, cambaleou, reagiu, mas veiu-lhe um momento em que se lhe extinguiu o ultimo esforço, tombando de bruços a chorar a chorar uma resa onde soavam os nomes de Jehovah e de Moysés.

E Jehovah e Moysés ouviram-no, porque logo surgiu forte do acatimento, tomando novo caminho á direita.

Os soldados, como um bando de javalis em furia, precipitaram-se, rugindo, para a frente, cortando, na passagem, ramos e folhas, enquanto o velho carpinteiro, cheio de um novo alento, os desorientava seguindo uma nova direcção.

Por cima da folhagem, a acompanhar Jesus, a boeirinha mal voava, porque o medo lhe encharcara as azas de pavor. Esvoaçava de arvore em arvore, amortecendo quanto possivel o ruido das azas, descansando aqui, voando além, quando chegou a uma palmeira,



NOTAS DE «SPORT» — Uma festa no picadeiro Miranda

A menina Fernanda Guerra Gonçalves apresentando o cavallo «Fox» em liberdade

d'onde sahio, furiosa, uma noitibó, que n'um grande alarido começou gritando aos soldados:

«Cá vae... cá vae... cá vae...»

Os quadrilheiros que já descansavam exhaustos, desorientados, tendo já resolvido deixar a perseguição para a manhã seguinte, embraçaram os escudos e lançaram-se para onde a denuncia da ave os chamava.

«Cá vae... cá vae... cá vae...» continuava a noitibó, voando constantemente por cima da sacra-familia.

— Ave de Herodes! — exclamou um quadrilheiro. — Por Belzebut que me vae entregar a creança!

Mas o grito da noitibó espalhava-se por mil echos e cada soldado se precipitou para o lugar d'onde lhe parecia vir o canto. Corriam em todas as direcções, deixando esta para logo a tomarem de novo, trocando-se as ordens em desaccordo, e estabelecendo-se no bosque um ruido de guerra que chegava, ameaçador, aos corações dos santos perseguidos.

Porém, com a tristeza de Maria, a noite cerrara tão negra, que os inimigos esbarravam nos troncos das arvores e tombavam nos ramos cahidos, facilitando assim a fuga da sacra-familia, deante da qual os ramos se desenlaçavam e os troncos se afastavam, lembrando que um anjo, armado com foice de diamante, lhes ia ceifando e allumiando, na frente, uma estrada larga.

Era meia noite quando sahiram da floresta e a voz da noitibó deixara de se ouvir.

Im entrar n'um campo de colheita.

Antes, porém, de proseguir a viagem, S. José resolveu um pequeno repouso. Descendo nos braços a esposa, tremula, prendeu a jumenta a um pequeno arbusto e deitou a face na terra para auscultar a perseguição do inimigo.

Julgou primeiro sentil-os perto, mas era o bater do seu proprio coração. Ao levantar-se, sem ter ouvido o menor ruido de aproximação, disse a Maria, transida de pavor:

— E se elles veem de vagar para o matarem de surpresa?!...

N'este momento, um vulto irrompeu da floresta, passando a uns metros de distancia como um furacão devastador.

Maria de Nazareth cahiu desfallecida.
— Maria! Maria!... — animava baixo o pobre velho, molhando-lhe a fronte com o seu suor frio. — Nada receies... Volta a ti...
Passou breve aquelle deliquio de susto. Ao abrir os olhos, interrogou, surdamente, espavorida.
— Socega, Maria... E' um tigre que passa...
Mas Jesus começava a chorar de fome. Maria quiz alimentar-o,

A Bolsa do Porto



A fachada do edificio

Um decreto recente do governo provisório mandou entregar à Camara Municipal do Porto o palacio da Bolsa da mesma cidade, o qual até ha pouco estava na posse da Associação Commercial da capital do norte. Teem portanto actualidade as duas gravuras que publicamos, representando uma a fachada principal e outra o salão nobre do magnifico edificio.

O palacio da bolsa foi edificado no local do antigo convento de S. Francisco, destruido por um incendio em 1832, e foi construido á custa d'um imposto sobre o movimento maritimo da barra do Porto.

A sua primeira pedra foi assente em 6 de Outubro de 1842, devendo-se o plano geral do edificio ao professor Costa Lima, da Academia Polytechnica.

A fachada principal mede 56 metros e a lateral 74. São notaveis a escadaria principal, o salão arabe, o pateo central e muitas das suas salas, algumas ornamentadas com esculpturas de Soares dos Reis e quadros de Velloso Salgado.

A Camara Municipal do Porto vai fazer as suas installações no soberbo palacio de que tanto se orgulha a segunda cidade do paiz.

e o seu peito era marmore! Os botões do seio queimavam de frios os labios da creancinha, e todo o leite se lhe gelava de terror.

«Nem uma gota de leite, meu filho!...» — gemeu ao montar de novo.

E apertou nos seus, para o calar, os labios de Jesus. Agora, o caminho era mais facil, mas, a atraçõal-os, espalhava-se no ar o ruido sonoro de um campo de tremoçal, cujos fructos já secos, oscillando nas hastes, levavam para longe um echo que podia servir de guia aos soldados.

— Malditos! — murmurou Maria. — Que nunca deis alimento!... E nunca mais os tremoços alimentaram.

Só por volta da madrugada, com o romper do sol, começou a abonancar a tormenta dos corações.

O bosque ficava já longe, a perder de vista.
— E a boeirinha? — perguntou Maria, buscando em volta, ao descerem junto a um sycomoro, para descansarem.

S. José só então se lembrou de olhar os rastos.

— Maria! está tudo perdido!... — balbuciou, desanimado, a indicar uma rasteira de sangue que os seus pés tinham deixado por todo caminho. — Eis o que a boeirinha não apagará!

Porém, a encorajar o pobre carpinteiro, retiniu alto um gorgoio de triumpho. Era a boeirinha que apparecia, não já de rastos, mas n'um vôo baixo, apagando, com a sombra das azas, os rastos e o sangue do velho hebreu.

Ao verem desaparecer o ultimo vestigio, os esposos de Nazareth ajoelharam em oração a Jehovah, e o passarinho acompanhou-lhes a prece, subindo á folha mais alta do sycomoro, a cantar a sua reza. D'aqui em diante, a viagem fez-se com mais tranquillidade.

A boeirinha já não voava. Seguia no regaço de Maria, onde as mãositas de Jesus a rodeavam das caricias que os dedos tenros das creanças fazem ás aves.

Brincavam emquanto ella se mortificava.
As proprias lagrimas de Maria, correndo, como estrellas miudinhas, ao longo do manto azul, lhes serviam de brinquedo: quando o passarinho tinha sede, Jesus olhava-as para as tornar doces, e a

boeirinha subia pela fimbria do manto, a bebê-las inteiras na carreira scintillante.

E a mãe de Jesus sorria, então, beijando, alternadamente, a careca da ave e os cabellos do filho.

Dois dias depois, caminhavam no deserto.

Estavam salvos. E S. José, que tanto recebera para a esposa os males do deserto, ouvia-a agora cantar, na immensidade daquelle areal ardente, os versiculos que as lindas avós hebrejas cantavam ao entrarem, pela mão de Jehovah, nas delicias da Terra Prometida.

«Digna do ceu — pensava Maria — só aquella superficie immensa e luzente, onde rutilavam oasis como esmeraldas assentes em lhama de oiro...»

E cantava, cantava versiculos dos prophetas, a saudar aquelle deserto que era, para o seu coração de mãe, a promettida terra de Canaan.

E porque Maria cantava, a viagem fazia-se alegremente.

Nem a boeirinha soffria de sede, porque nos labios de Jesus, quando acabava de mamar, encontrava sempre umas gotas de leite fresco. E que leite dulcissimo! Nunca abelhas do Levante tinham refinado uma gota de mel assim, nem o seu biquito provara liquido tão doce nos pomares do Oriente, onde o sol do paraizo destillava o sumo das fructas maduras.

A propria jumentinha, livre tambem do gume das alabardas, trotava mais leve e alegre.

Quando uma tarde apeiaram no coração do deserto, onde havia um oasis com tres palmeiras e duas geiras de sementeiras, Maria, ao sentar-se na relva, com o filhito a dormir no regaço, alvitrou:

— E se nós aqui ficassemos para sempre?

— Aqui?! — admirou o velho carpinteiro. — Aqui, nesta terra?! Neste deserto?!... — reforçou abrindo os braços n'um gesto de desolação.

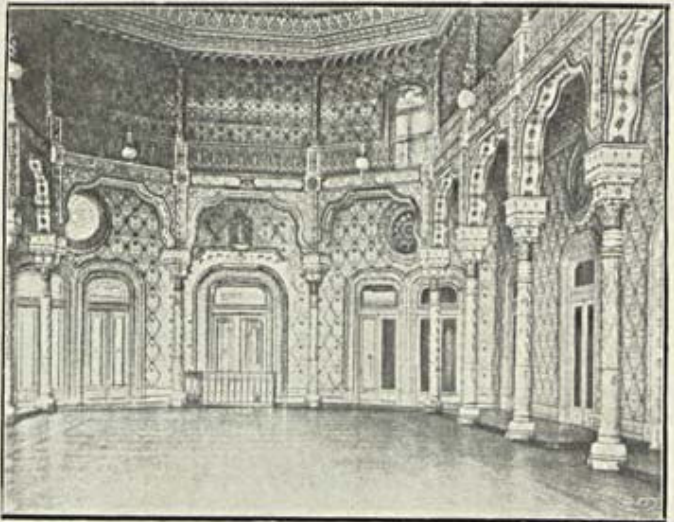
— A melhor terra, José — murmurou Maria, baixando os olhos e passando melancolicamente os dedos por entre os cabellos do filho — a melhor terra, José, é aquella onde a mão do homem não arranca a raiz do amor...

— Mas o Anjo, o que mandou o Anjo? — lembrou o carpinteiro. Maria inclinou-se, e dias depois chegavam ao Egypto, alugando uma casita terrea n'uma aldeia pobre, á beira do Nilo.

A boeirinha vendo, então, o seu auxilio desnecessario, não quiz entrar na moradia, e subiu para um ramo de arvore, a ensaiar um vôo de despedida.

Mas, Jesus, deitado no berço á porta de casa, estendeu para ella a mãosita gordinha e rosada, e logo a ave, como se um laço invisivel e doce a atrahisse, veio brincar no peito tenro da creancinha.

Jesus teve então um balbuciar estranho, palreando uma benção



A bolsa do Porto. — O salão nobre

na lingua do passarinho. Este palrejo era um privilegio para a raça da boeirinha e uma maldição para os que lhe fizessem mal.

Laevador que, andando no arado, ferisse de morte a boeirinha que lhe seguia o rego, má seara tinha de colher.

Mulher que lhe quebrasse os ovos ficaria esteril para sempre. Fortificasse o tar contra o simoun a mão que lhe desfizesse o ninho.

E contassem sempre com Deus as boeirinhas que lhe cantassem bem.

Seguiu-se, depois, um intervallo de silencio. Jesus e o passarinho olhavam-se tristemente. Entretanto S. José e Maria tinham chegado á porta para a despedida. A jumentinha, presa ao lado, ferida por aquelle triste silencio, deixara cahir da bocca immovel, aberta, a herva que mastigava.

Estavam saudosos daquelle avesita que tinha liberdade de voltar á patria.

CARNAVAL



(Desenho de S. Ramon de Pinillos)

Mas Jesus abriu nas mãos as azas da boeirinha.
E a boeirinha voou para a Judeia, a levar, a suas irmãs, a benção que lhes mandava do Egypto o Filho do Creador.

Guarda, 1911.

PADRE ALVARES DE ALMEIDA.

Inauguração d'um balneario na cantina escolar de S. Sebastião da Pedreira



O sr. ministro do interior e o sr. Henrique de Mendonça,
um dos membros da comissão de beneficencia da freguezia
de S. Sebastião da Pedreira

Mors-vita

Do assombro e do terror com que eu te via outr'ora,
como a noite sem fim, e o fim de tudo... oh! Morte!,
ficou-me a idéa vã de teu sinistro porte,
imagem familiar que eu já não temo agora.

Rompe da tua treva a cada instante a aurora,
e surge do teu nada a vida inda mais forte!
Transformas, não destroes; que o vivo tem a sorte
de não morrer jámais, morrendo a toda a hora...

E's a razão do ser, dentro do ser, latente!
No prazer e na dôr, em tudo, o homem te sente,
o homem, circo eternal dos jogos teus furtivos.

Mas tu guardas, oh! Morte, em teu seio, um mysterio!...
— Sob as louzas talvez, talvez no cemiterio,
aos mortos tu dirás o que occultaste aos vivos!

Pernambuco, 1910.

ODILON NESTOR.

Um marido quiz dar, como presente de Anno Bom, a sua mulher
um laço de rendas o mais bonito possível, e, para que elle fosse
completamente do seu gosto, pediu-lhe a ella que o comprasse, di-
zendo-lhe porém que era para dar de presente a uma senhora das
suas mais intimas relações.

A esposa foi e apresentaram-se as mais formosas e preciosas
rendas de Bruxellas e de Valenciennes.

Ella, porém, pensava:

— Não vale a pena tambem estar a gastar ahí um dinheirão louco
por causa da Amelia.

Tudo lhe parecia por conseguinte muito caro, e afinal comprou
um laço de rendas muito ordinarias que levou a seu marido.

— E' bonito devéras? perguntou-lhe o marido.

— E'.

— Compraste-o bem a teu gosto? Como se fosse para ti?

— E' claro.

— Pois para ti é que elle é, fica com elle, minha querida. E' o
meu presente, disse o marido encantado com o seu estratagemma.

Imagine-se agora a cara da esposa.

O adereço de esmeraldas

Estavamos parados na Carrera de S. Jeronymo, defronte da
livraria Duran, e liamos o titulo de um livro de Méry.

Como me chamasse a attenção aquelle titulo extranho,
e assim o dissesse ao amigo que me acompanhava, este,
encostando-se ligeiramente ao meu braço, exclamou:

— O dia está lindo a mais não poder, vamos dar uma volta pela
Fonte Castelhana. Passeiando te contarei uma historia em que sou
o heroe principal. Verás como, depois de a ouvir, não só comprehen-
des o titulo, mas até o explicas a ti proprio do modo mais facil
d'este mundo.

Eu tinha muito que fazer, mas, como estou sempre desejando um
pretexto para não fazer nada, acceitei a proposta e o meu amigo
pricipiou d'esta maneira a sua historia:

— Ha tempos, uma noite em que saía a dar uns giros por essas
ruas, sem outro intuito senão o de passeiar, depois de ter examina-
do todas as collecções de estampas e photographias dos estabeleci-
mentos, de ter escolhido com a imaginação diante da loja dos Sa-
boyanos os bronzes com que adornaria a minha casa, se a tivesse,
de ter passado emfim uma revista minuciosa a todos os objectos de
arte e de luxo expostos ao publico por traz dos illuminados crystaes
dos mostradores, detive-me um instante defronte dos de Samper.

Não sei quanto tempo ali estaria presenteando com a imaginação
todas as mulheres bonitas que conheço, dando a esta um collar de
perolas, áquella uma cruz de brilhantes, a outra uns brincos de ouro
e de amethystas. Hesitava n'aquelle momento sem saber a quem ha-
via de offerecer, que o merecesse, um magnifico adereço de esme-
raldas tão rico como elegante, que entre todas as outras joias cha-
mava a attenção pela formosura e limpidez das suas pedras, quando
ouvi ao meu lado uma voz suave e dulcissima exclamar n'um tom
que não pôde deixar de me arrancar ás minhas imaginações: «Que
lindas esmeraldas!»

Voltei a cabeça na direcção em que ouvia resoar aquella voz de
mulher, porque só sendo feminina podia ter semelhante echo, e vi
effectivamente que era uma mulher lindissima. Não a pude contem-
plar senão um momento, e, sem embargo, fez-me a sua belleza uma
impressão profunda.

A' porta da ourivesaria d'onde ella saía estava uma carruagem.
Acompanhava-a uma senhora de certa idade, nova de mais para ser
sua mãe, velha de mais para ser sua amiga. Quando ambas subiram
para o trem, os cavallo partiram, e eu ali fiquei estonteado a vê-la ir
até a perder de vista.

Que lindas esmeraldas! dissera. Effectivamente as esmeraldas

Typo de belleza brasileira



eram formosíssimas; aquelle collar, cingindo a sua garganta de neve, pareceria uma grinalda de folhas temporãs da amendoeira, salpicadas de orvalho, aquelle broche no seu seio uma flôr de lodão quando se deixa embalar pela sua onda movel, coroada de espuma. Que lindas esmeraldas! Deseja-las-ha por acaso? Mas, se as deseja, porque as não compra? Deve ser rica e pertencer a uma classe elevada; tem uma carruagem elegante e na portinhola d'essa carruagem julguei vêr um brazão nobre. Indubitavelmente ha na existencia d'essa mulher algum mysterio.

Foram estes os pensamentos que me agitaram depois de a perder de vista, quando já nem o rumor da carruagem chegava aos meus ouvidos. E effectivamente na sua vida, na apparencia tão aprazível e invejável, havia um mysterio horrível. Não te direi como consegui penetra-lo, mas consegui.

Casada desde muito nova com um libertino, que, depois de dissipar os proprios haveres, procurara n'um casamento vantajoso o melhor expediente para dissipar bens alheios, modelo de esposas e de mães, aquella mulher renunciara a satisfazer o mais insignificante dos seus caprichos para conservar a seu filho uma parte do seu patrimonio, e para manter no exterior o nome da sua casa na altura em que sempre se mantivera na sociedade.

Fala-se nos grandes sacrificios de algumas mulheres. Creio que não ha um só comparavel, dada a sua organização especial, ao sacrificio de um desejo ardente em que vão interessadas a vaidade e a garridice.

Desde o momento em que penetrei no mysterio da sua existencia, por uma d'essas extravagancias do meu caracter, todas as minhas aspirações se reduziam a uma só: possuir aquelle maravilhoso adereço e dar-lh'o de modo que ella o não podesse recusar, de modo que ella nem sequer soubesse de que mão lhe poderia ter vindo esse presente.

Entre outras muitas difficuldades que logo encontrei para a realisação da minha idéa, não era seguramente a menor o não ter dinheiro, nem pouco nem muito, para comprar essas joias.

Não perdi a esperanza, ainda assim, de levar por deante o meu proposito.

Como arranjar dinheiro? dizia eu de mim para mim, e recordava-me dos prodigios das *Mil e uma noites*, d'aquellas palavras cabalísticas a cujo echo se abria a terra, e appareciam os thesouros escondidos, d'aquellas varas de tamanha virtude que, ao tocar com ellas n'uma rocha, brotava das suas fendas um manancial não de agua, o que era pequena maravilha, mas de rubis, topázios, perolas e diamantes.

Ignorando umas, e não sabendo onde encontrar as outras, resolvi afinal escrever um livro e vendel-o. Tirar dinheiro da rocha de um editor não deixa de ser milagre; pois realizei-o.

Escrevi um livro original que agradou pouco, porque só uma pessoa o podia comprehender; para as outras era apenas uma collecção de phrases.

Intitulei o livro *O adereço de esmeraldas*, e firmei-o só com as minhas iniciaes.

Como não sou Victor Hugo, nem cousa que de longe com isso se pareça, escuso de te dizer que me não deram pela minha novella o mesmo que, pela ultima que compoz, recebeu o auctor de *Nossa Senhora de Paris*; mas, apesar de tudo isso, sempre reuni o sufficiente para começar a executar o meu plano de campanha.

O adereço em questão valia obra de quatorze ou quinze mil duros, e para o comprar contava eu com a respeitavel quantia de tres mil reales; precisava por conseguinte de jogar.

Joguei e joguei com tanta decisão e fortuna que n'uma só noite

ganhei a quantia de que necessitava. A proposito de jogo tenho feito uma observação, em que todos os dias me vou confirmando e cada vez mais. Em a gente apontando com a certeza completa de que ha de ganhar, ganha. Ninguem se chegue para o panno verde com a vacillação de quem ha de experimentar a sua sorte, mas com a firmeza de quem vae buscar o que é seu. De mim sei dizer-te que n'aquella noite me teria surpreendido tanto perder como se uma casa respeitavel me houvesse negado dinheiro, levando eu a firma de Rothschild.

No outro dia dirigi-me a casa de Samper. Ha de acreditar que ao deitar para cima do balcão do ourives aquelle punhado de notas de todas as côres, aquellas notas que representavam para mim pelo menos um anno de prazer, muitas mulheres formosas, uma viagem á Italia e *Champagne* e regalos de toda a especie, nem vacillei um momento? Pois podes acreditar-lo; atirei-as com a mesma tranquillidade, que digo! com a mesma satisfação com que Buckingham, quebrando o fio que as prendia, semeou de perolas a alcatifa do palacio da sua amante.

Comprei as joias, e levei-as para casa. Não podes imaginar cousa mais formosa do que aquelle adereço.

Não extranho que as mulheres suspirem ás vezes ao passar por deante d'essas lojas que offerecem aos seus olhos tão brilhantes tentações; não extranho que Mephistopheles escolhesse um collar de pedras preciosas como objecto mais proprio para seduzir Margarida; eu, com ser homem, desejaria por um instante viver no Oriente e ser um d'aquelles fabulosos monarchas que cingem a fronte com um circulo de ouro e pedraria, para me poder adornar com aquellas magnificas folhas de esmeraldas com flôres de brilhantes.

Um gnomo, para comprar um beijo de uma syphide, não lograria encontrar entre os immensos thesouros que guarda o avaro seio da terra, e que só elles conhecem, uma esmeralda maior, mais clara, mais formosa do que a que brilhava, prendendo um laço de rubis, no meio do diadema.

Senhor do adereço, principiei a imaginar o modo de o fazer chegar ás mãos da mulher a quem o destinava.

Ao cabo de alguns dias e graças ao dinheiro que me ficou, consegui que uma das suas criadas me promettesse collocar-o no seu guarda joias sem ser visto; e, além de me certificar de que por ella se não havia de saber a origem do presente, dei-lhe quanto me restava, uns poucos de milhares de reales, com a condição de que, apenas tivesse posto o adereço no sitio combinado, sairia da côrte para ir viver em Barcelona. E assim fez.

Imagina tu qual seria a surpresa da sua ama quando, depois de notar a sua inesperada desapparição, e suspeitar que houvesse fugido de casa levando alguma cousa, encontrou no seu tocador o magnifico adereço de esmeraldas! Quem podera sus-

peitar que ainda se lembrava de quando em quando d'aquellas joias com um suspiro?

Passou-se tempo. Eu sabia que ella conservava a minha dadiva, sabia que se tinham feito grandes diligencias para averiguar qual era a sua origem e sem embargo nunca a vi enfeitada com as esmeraldas. Desdenhára a offerta? Ah! dizia eu, se ella soubesse o merecimento d'esse presente! se ella soubesse que só o excede o d'aquella namorada que empenhou no inverno a capa para comprar um ramo de flores! Pensará talvez que vem da mão de algum ricaço que um dia se apresentará a reclamar o preço. Como se engana!

N'uma noite de baile, fui-me pôr á porta do palacio, e, confundido na multidão, esperei a sua carruagem para a vêr. Quando o trem chegou, e, abrindo o lacaio a portinhola, ella appareceu radiante de

Assumptos religiosos



Nossa Senhora de Lourdes

Imagem existente na capella do Senhor Bispo-Conde na quinta da Carregosa

formosura, ergueu-se um murmurio de admiração d'entre a apinhada turba. As mulheres miravam-n'a com inveja, os homens com desejo; a mim escapou-me um grito surdo e involuntario. Levava o adereço de esmeraldas.

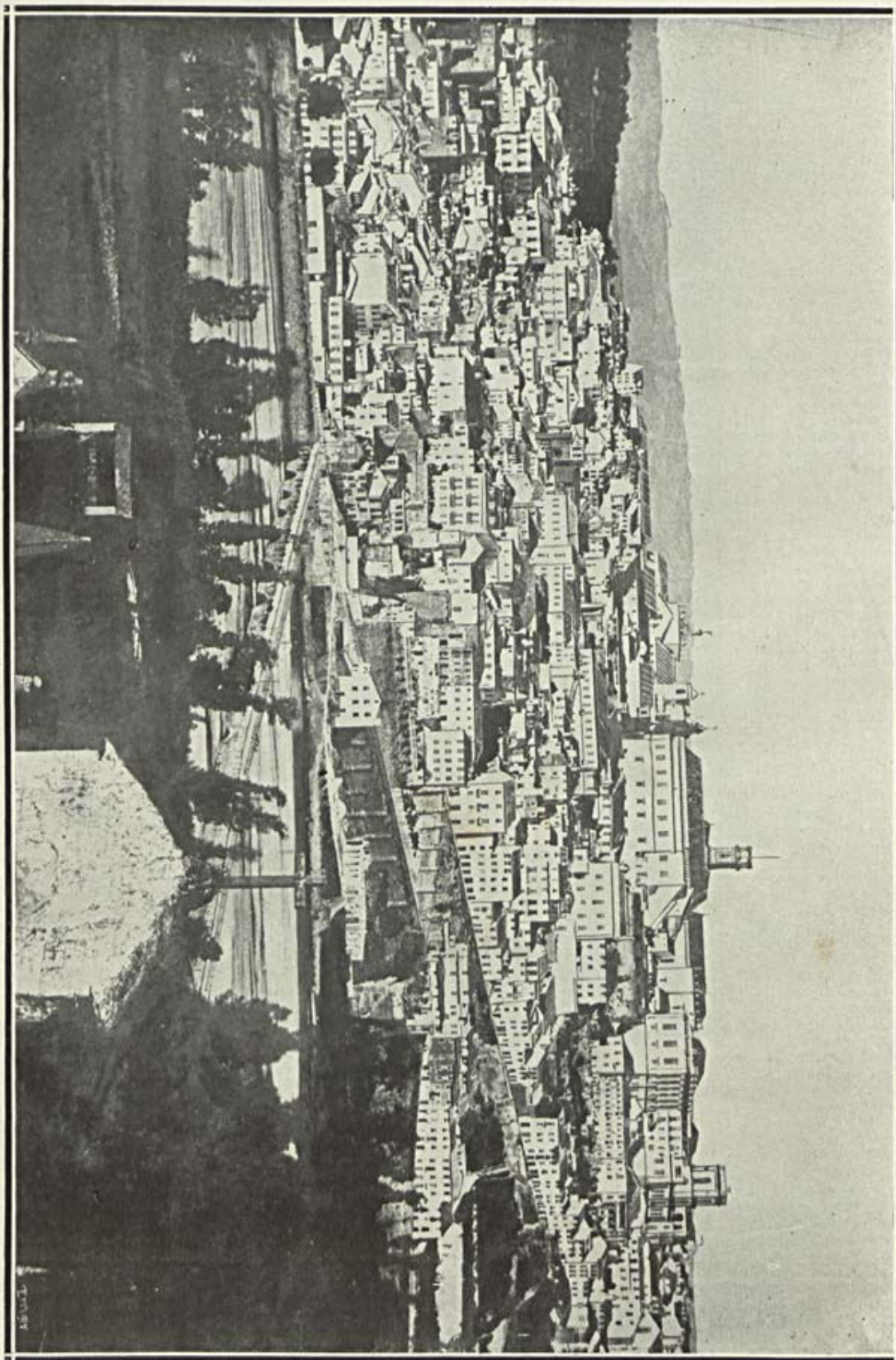
N'aquella noite deitei-me sem ceiar, não me lembro se foi porque a commoção me tirára a vontade de comer, ou se foi por não ter que comer; em todo o caso era feliz. Durante o meu somno, pareceu-me ouvir a musica do baile, e vê-la passar diante dos meus olhos, lançando chispas de fogo de mil côres, e até me parece que dansei com ella.

A aventura das esmeraldas espalhára-se, sendo assumpto quando o caso se deu, das conversações de algumas senhoras elegantes.

Depois de se vér o adereço, não restaram duvidas a pessoa alguma, e os ociosos começaram a commentar o facto. Ella gosava de uma reputação immaculada. Apesar dos extravios e do abandono do seu marido, a calúnia nunca podera subir até o alto logar em que a tinham collocado as suas virtudes; ainda assim n'essa occasião principiou a levantar-se o *venticello* por onde ella começa, segundo D. Basilio.

Um dia em que eu estava n'uma roda de rapazes, falava-se nas famosas esmeraldas, e um fatuo disse por fim como terminando a questão!

— Não ha que lhe dar voltas; essas joias teem uma origem tão



Vista geral da cidade

COIMBRA HA QUARENTA ANNOS

vulgar como todas as que se dão de presente n'este mundo. Passou já o tempo em que os genios invisiveis punham maravilhosos presentes debaixo do travesseiro das formosas, e quem dá um presente d'esse valor, dá-o com esperança de recompensa... e essa recompensa quem sabe se a não recebeu adiantada.

As palavras d'aquelle nescio indignaram-me, sobretudo porque encontraram echo nos que o ouviam. Ainda assim, contive-me. Que direito tinha eu de sair em defeza d'aquelle mulher?

Não passou um quarto de hora sem me offerecer occasião de contradizer o homem que a tinha injuriado. Contradisso-o nem sei já a proposito de que; o que te posso affirmar é que o fiz com tanta aspereza, para não dizer grosseria, que de resposta em resposta veiu um conflicto. Era o que eu desejava.

Os meus amigos, conhecendo o meu genio, admiraram-se não só de eu ter procurado um desafio por motivo tão futil, mas do meu empenho em não dar nem admitir explicações de genero algum.

Bati-me, não te sei dizer se com fortuna, se sem ella, porque ainda que ao fazer fogo vi vacillar n'um instante o meu contrario, e cair redondo no chão, um instante depois senti que me zumbiam os ouvidos e que se me escurciam os olhos. Também estava ferido e ferido gravemente no peito.

Levaram-me para a minha pobre casa devorado por uma espantosa febre. Não sei os dias que assim estive, chamando em altas vozes não sei por quem, por ella sem duvida. Teria tido valor para padecer em silencio toda a vida, a troco de obter á beira do sepulchro um olhar de gratidão, porém morrer sem lhe deixar sequer uma lembrança!...

Estas idéas atormentavam a minha imaginação n'uma noite de insomnia e de febre, quando vi abrirem-se as cortinas da minha alcova, e no limiar da porta apparecer uma mulher. Julguei que sonhava, mas não. Aquella mulher approximou-se do leito, d'aquelle pobre e ardente leito em que eu me revolvia com dôres, e, erguendo o véu que lhe encobria o rosto, deixou-me vér uma lagrima suspensa das suas longas e escuras pestanas. Era ella!

Ergui-me com os olhos espantados, ergui-me e .. n'esse momento chegava mesmo defronte da loja de Duran.

— O que! exclamei eu interrompendo-o ao ouvir aquelle disparate do meu amigo, então tu não estavas ferido e de cama?

— De cama!... Ora que diacho! Tinha-me esquecido dizer-te que tudo o que acabo de te contar o vim eu pensando desde a casa de Samper, onde vi effectivamente o adereço de esmeraldas e ouvi da bocca de uma mulher formosa a exclamação que te disse, até á Carrera de San Jeronymo, onde uma cotovellada de um moço de fretes, me tirou da minha abstracção defronte da livraria Duran, em cujo

mostrador notei que estava um livro de Méry com este titulo: *Histoire de ce qui n'est pas arrivé*, historia do que não succedeu. Percebes agora?

Ao ouvir este desenlace, não pude reprimir uma gargalhada. Effectivamente não sei de que tratará o livro de Méry, mas agora percebo que se podia escrever com esse titulo um milhão de historias, qual d'ellas a melhor.

GUSTAVO BEGQUER.

Coisas que eu muito amei

(Do livro do mesmo titulo em preparação)

Coisas que eu muito amei, foi de muito as amar,
Que a pouco e pouco e pouco apprendi a cantar!

Por ellas soffri já, mas vendo-as em redór:
Companheiras na Dôr! vinham-me consolar...
Por ellas soffri já!... D'ahi veio este amor...
— Por isso é que hoje canto:

— O ceu... a terra... o mar!

De tanto tê-las visto, até as sei de cór,
Emfim! ólho sem vér e vejo sem olhar!...

— O' Tábuca da Intuição, algarismos do Enlévo!...—
Sommar, multiplicar e dividir-vos sei...

Eu, tudo quanto sou unicamente devo,
Unicamente a vós:

— Coisas que eu muito amei!

Inº dito — 1916.

Augusto de Santa Rita.

Na Universidade



O sr. dr. Bernardino Machado com os seus discipulos no gabinete de anthropologia na Universidade de Coimbra

Entre outros veem-se os drs. Vellardo da Fonseca, José de Barros, Themudo, Alvaro de Lima Henriques e Luiz Guimarães Junior, poeta brasileiro

A NATUREZA

A natureza é uma encantadora musica. O homem que nunca se commoveu escutando as vozes do céu, das aguas, e da terra e tudo o que dizem as vagas, as torrentes, os ventos de procella, os insectos, os passaros, nunca será impressionado nem pela mais bella symphonia d'este mundo. Comtudo, por muito poderosa impressão que em nós produza a musica da natureza, a um tempo exuberante e demasiadamente curta, ou nos espanta ou não nos basta. As paixões que ella exprime não são completamente as nossas, tem um que de sobrehumano, que, depois de nos ter arrebatado, excede as nossas forças e nos esmaga. O murmurio argentino dos regatos é um palrar de ondinas de alma zombeteira, de riso sarcas-

para nós de muito alto, não se digna occupar-se de nós; como poderia elle sympathisar com as nossas fraquezas e os nossos cançãosos? vive n'um mundo em que nunca se está cansado e em que todos podem dispensar-se de dormir. Sentimos bem que é a paixão que o faz cantar, mas os nossos amores não teem nunca essa certeza victoriosa nem esse clangor de fanfarras.

Afirmavam os gregos que, ao nascerem as Musas, houve melomaniacos que morreram de prazer, e que foram transformados em cigarras, insectos hemipteros que teem o privilegio de cantar sem comer nem beber até morrerem. A canção perpetua, monotona, e estridente, d'essas timbaleiras aladas nada tem de humano; dir-se-hia o rechinar da terra calcinada pelo sol, ou o grito de uma grande frigideira em que se estivesse a frigir um grande bosque de oliveiras. Ha n'isso realmente magia como em todos os ruidos da natureza, cuja musica umas vezes nos transporta, outras vezes nos persegue como uma justiça.

VICTOR CHERBULLIEZ.

Familia real italiana



Os príncipes de Saboya em San Rossore

tico, que nos dizem o seu segredo n'uma lingua que não comprehendemos senão a meio; não o derramaram todo senão no coração dos peixes, povo de mudos. As vagas mugidoras do Oceano parece que foram feitas para embalar sonhos de Deus, demasiadamente pesados para as nossas cabeças, e o estalar do raio revela coleras que fariam estalar o nosso coração se elle chegasse a sentil-as.

Todos os ruidos da natureza são até certo ponto vozes elementares, que parecem vir de longe, de algum paiz estrangeiro, de um paiz perdido que não habitaremos nunca. A nossa imaginação consegue persuadir a si propria que as aves cantam para ella; mas mistura-se uma certa inquietação com os prazeres que elles lhe dão. O assobio estridente dos melros exprime bemaventuradas despreocupações que nos são desconhecidas, uma felicidade sem vicissitudes que resume em taes palavras a sua breve historia. E depois? Acabou-se, disse tudo. Pela indizível frescura da sua voz, pela incrível limpidez do seu canto, pelos seus prodigiosos golpes de garganta, pelas suas cadencias e os seus trillos, pelas dificuldades que executa sem esforço algum, o rouxinol acorda em nós a idéa de um poder que nada fatiga. Não reduziu esse miraculoso passarinho ao silencio o santo homem que ousou desafial-o? Evidentemente olha

A peregrinação d'um pensamento

A peregrinação d'um pensamento,
Que dos males fez habito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.

Leva a dôr de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,
Qu'enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal qu'está de assento.

De longe receei (se me valêra)
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mí cousa segura.

Mas já conheço (oh nunca o conhecêra!)
Qu'entendimentos presos do desejo
Não teem remedio mais que o de ventura.

Camões.

Architectura egypcia



As grandes columnas de Lotus no templo de Luxor

No Chiado

O' lama do Chiado, ó lama do bom tom,
 Eu quizera fazer-te um bello poema com
 A verve de Musset e o rir de Gavarni;
 Mas não merece a pena estar a gente aqui
 A descobrir, a achar as rimas mais preciosas,
 A torcer uma estrophe em espiraes nervosas,
 A pôr na reticencia a indiscripção d'um pagem,
 A florir n'um bom verso uma brilhante imagem,
 E a enroscar n'uma idéa um dito puro e lino
 Como os ricos florões d'um portal manuelino,
 Para no fim de tudo encher uma columna
 D'um jornal de dez réis levado da fortuna,
 Que amanhã dormirá n'uma tenda boçal
 Entre um queijo flamengo e uma ode immortal.

Eu sentia-me até bastante resolvido
 A cantar n'este instante algum vergel florido,
 Uma bocca escarlata, honesta e virginal,
 Uma trança d'aurora, um riso de crystal,
 Tudo o que ha de gentil, de luminoso e puro
 — Uma cabeça loira ou um trigo maduro,
 E Julieta e Romeu na scena da varanda,
 Mas precisava ter um bom papel de Hollanda,

Um typo de Elzevir, um optimo editor,
 E sobretudo em vez dos olhos teus, leitor,
 O fresco olhar azul d'uma pessoa amada,
 Que cobrisse da gloria ingenua da alvorada
 Os meus versos pagãos cheios de seiva e flores,
 E ao toque do clarim e ao rufo dos tambores,
 Fazendo telintar as lanças e as esporas,
 Eu mandaria então em legiões sonoras
 Um exercito ideal de estrophes coruscantes,
 Que iriam desfilar esplendidas, radiantes,
 Debaixo do balcão d'essa creança...

Em summa
 Tenho estado a soprar n'uma bola de espuma,
 Que rebentou. Nem sei a transição que fiz
 Da lama do Chiado aos sonhos juvenis,
 Da phrase de Cambronne ao azul da utopia.

Voltemos ao Chiado. E' já quasi meio dia;
 Vamo-nos encostar á porta da Havaneza,
 E veja-se passar Lisboa, essa burgueza
 Que vae de risca ao meio e vae de fato preto
 Ao sport da uma hora — á igreja do Loreto.

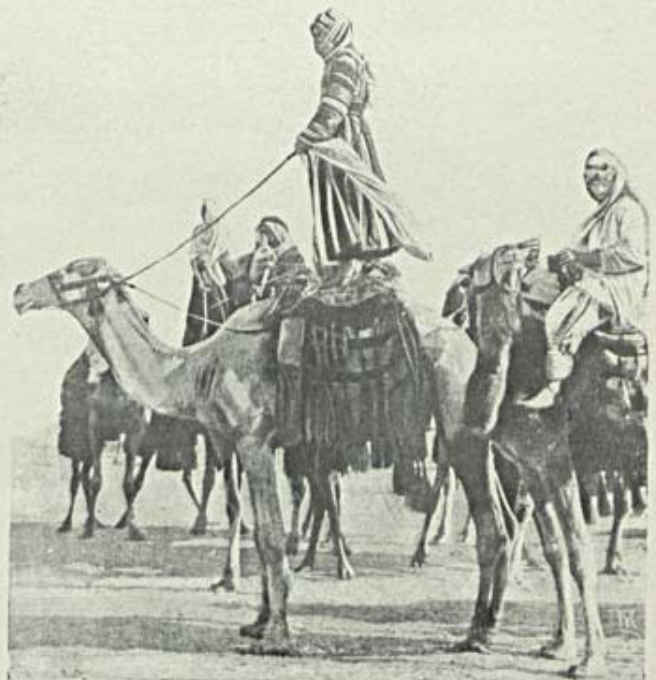
Alguns velhos leões de nobre gaforina
 Onde falta o cabelo e sobra a bandolina,
 Discutem entre si com toda a auctoridade
 Petiscos do Baldanza e côros da Trindade.
 Janotas de balcão, Neros hebdomadarios,
 Que exercem a virtude em dias ordinarios,
 Correndo no domingo ao vicio, aos sorvedoiros,
 Lançando-se ás paixões como S. Thiago aos moiros,
 Vão meditando ja na bachanal tremenda
 Aonde á meia noite o dedo da legenda
 Escreverá talvez sobre a muralha espessa
 Esta negra inscripção: *Dois pintos por cabeça.*

Brunidos de entusiasmo, esplendidos, jocundos,
 Provincianos joviaes da Beira Baixa oriundos,
 Observam com prazer e muita admiração
 Os progressos que faz a civilisação
 Na capital do reino.

Exhibem-se os alferes,
 O encanto do inimigo e o terror das mulheres...

Nos grupos do Prazer, do Chic, da Finança
 Admira-se um cavallo, uma girafa mansa
 Que vae trotando.

Typos e costumes



Ginetes egypcios preparando-se para uma corrida de camellos no deserto

A missa está quasi a acabar,
A igreja do Loreto é o piedoso *boudoir*
Onde Christo recebe as preces perfumadas
Das almas do bom tom.

Recruzam-se, damnadas,
No insano frenesim da rubra extravagancia,
Perversas multidões puxadas á substancia,
Calcando dignamente as lamas venenosas,
A lama onde os corceis das raças milagrosas
Mais gostam de imprimir a marca das suas patas,
E onde ás cinco da tarde illustres burocratas
Poisam a nobre planta ornada de galocha.

.....
Sinto-me triste. A aurora ingenua desabrocha
Na candura do azul, como uma rosa enorme.
E, enquanto o meu visinho (um brasileiro) dorme
Fazendo variações de cornetim nasal,
Eu, filho da Utopia e primo do Ideal,
Tenho estado rimando esta canção florida,
Que seria melhor, não sendo tão comprida.

Guerra Junqueiro.

Theatros

Republica. *Os 4 cantinhos* — A *bisbilhoteira*, peças de Eduardo Schwalbach.
— **Avenida.** *Nem mais nem menos*, revista em 3 actos e 16 quadros, original de Guedes de Oliveira, musica de Fernando Moutinho. — **Colyseu dos Recreios.** — Os outros theatros.

O acontecimento theatral da quinzena tem a firma de Schwalbach. *Os 4 cantinhos* e a *Bisbilhoteira*, não obstante serem já nossas conhecidas, fizeram o effeito de uma novidade, de obra em primeira mão. E' que poucas peças de Schwalbach revelam, como

estas, as poderosas qualidades do seu espirito observador e do seu talento humoristico. Applaudiu-as calorosamente o publico, partilhando d'esses applausos os magnificos interpretes de agora, Adeline, Chaby, Jesuina Saraiva, Alves, Azevedo, e todos os que deram no **Republica** um desempenho *hors ligne*. Intercallados n'esses applausos foram os agradecimentos ao Visconde de S. Luiz Braga, por ter feito resurgir essas duas maravilhas, unindo assim por um laço litterario-theatral o passado com o presente e com o theatro da monarchia o theatro *Republica*.

Estamos no **Avenida**. *Nem mais nem menos* do que trez actos honestamente feitos, seja dito em boa verdade, e senão de graça muito abundante, pelo menos de fina critica, ferindo de fio a pavio a nota politica, — uma verdadeira revista *ancien régime* bordada sobre assumptos da actualidade, cousa pouco vulgar no genero, no decorrer dos ultimos tempos. Recebeu-a de mau humor o publico na primeira noite, talvez porque lhe faltasse a malagueta pornographica, deixando escapar a originalidade de algum quadro como o do comboio, que é um verdadeiro achado, que foge á costumeira usada e sédica em todas as revistas.

Em ultiores representações tem sido mais cordato, e parece que se sumiu de todo a nuvem de desconfiança que na primeira noite lhe toldara a vista; a prova é que a revista continua a dar enchen-tes, sendo consagrado pelos applausos o trabalho de Guedes de Oliveira.

A musica é excellente e alegre; o guarda-roupa e o scenario só merecem elogios. No desempenho destacam-se Auzenda, Pilar, Isabel de Oliveira, Grijó, Carlos Vianna e Amarante.

No **Colyseu** tem continuado com geral agrado a Companhia Giovannini de opera italiana, sendo as enchen-tes consecutivas. Até hoje têm sido executadas as operas *Aida*, *Carmen*, *Favorita*, *Trovador*, *Bohème* e *Tosca*, preparando-se para breve a exhibição de outras.

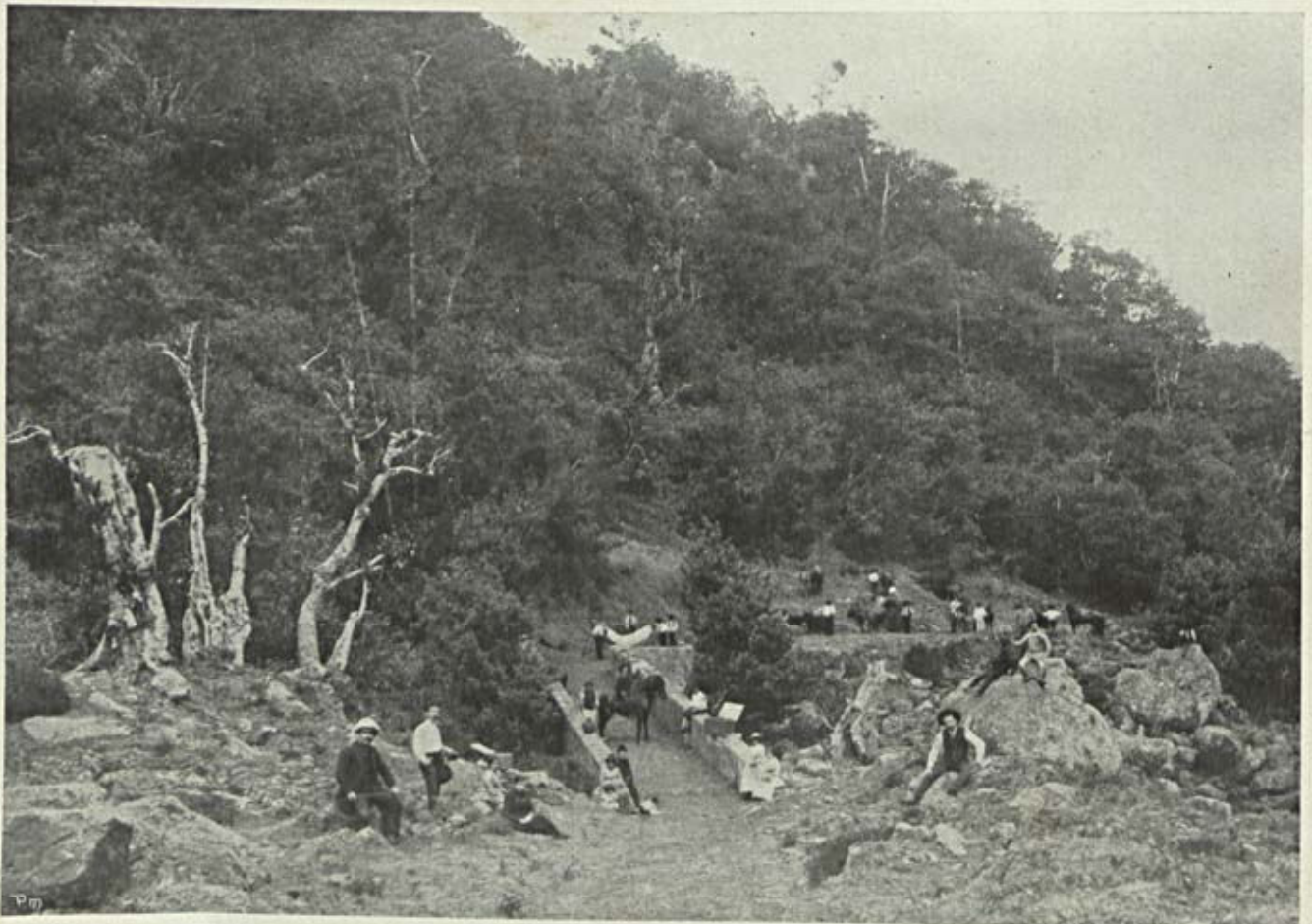
— Os outros theatros têm-se limitado a passar as peças do seu repertorio, nada mais havendo n'esta quinzena a mencionar. Afigura-se-nos, porém, que a futura será fértil em novidades theatraes.

Ruy.

Quaes são as mulheres mais honestas; aquellas que teem por unica roupa o seu pudor ou aquellas que teem por unico pudor a sua roupa?

Maurício Talmeyer.

ILHA DA MADEIRA



Ribeiro-frio